

JUVENTUDE E RESISTÊNCIA: AS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS DO ANO DE 2016

JULIA ROCHA CLASEN¹

¹Universidade Federal de Pelotas – clasenjulia1@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Resistir, do ato de opor força à força do inimigo, não sucumbir e não ceder frente aos ataques. Resistir como forma de ressignificar sujeitos e relações, de reinventar espaços e recriar atos. O formato de resistência aqui investigado é mais do que o resistir cotidiano como modo de sobreviver perante as estruturas que retiram o direito de ser, ainda que, venha acompanhado dessa necessidade de resistir diariamente, como ato de declarar uma existência. São levantados, os momentos em que a resistência assume um caráter de reivindicação do *Ser Mais*¹ (FREIRE, 1987), de ir além e recriar relações.

Neste sentido, é levantado como objeto de análise, o movimento nacional de ocupação secundarista travado no ano de 2016, diante da sua relevância para pensar os atos contemporâneos de resistência e o novo formato de organização assumido pelos movimentos sociais. O momento político aqui analisado foi marcado pela atuação de um personagem que não era novo nas lutas, mas que assumiu naquele período o protagonismo do curso das mobilizações, frente a um cenário que ameaçava setores como educação e saúde, assim como, direitos trabalhistas decorrentes de relevantes lutas dos trabalhadores.

Era traçado um conjunto de ataques, incorporados pelo poder do capital, que determinavam a face do poder político pós golpe de 2016², na mesma medida em que, abria cena para a intensificação de retrocessos, recaindo sob direitos essenciais ao conjunto da sociedade.³

No ano de 2016 os estudantes secundaristas, em um movimento nacional, organizaram a ocupação de mais de mil escolas. Resistiram diante dos ataques em curso, sem sair das escolas por cerca de dois meses, e sem encerrar suas mobilizações com a desocupação. A partir de tal movimento, nem as escolas, nem os estudantes, nem o conjunto social manter-se-iam estáticos. Memórias e marcas permanecem de tal período, investigar estas marcas é anseio assumido neste trabalho. Na intenção de compreender o que permaneceu da denominada *Primavera Secundarista* no curso das lutas sociais e na formação política dos estudantes.

Com fim de investigar o processo de formação política dos estudantes secundaristas que participaram do movimento de ocupação de suas escolas no ano de 2016, com enfoque na cidade de Pelotas/ Rio Grande do Sul, levanta-se como problemática de pesquisa: O movimento de ocupação, ocorrido na cidade de

¹ O autor Paulo Freire (1987) aponta para a vocação histórica do sujeito de *Ser Mais*, no processo de retomada da sua humanidade como predisposição à libertação.

² No ano de 2016, foi aprovado o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT), articulado mediante os setores da burguesia de despojar o governo do Partido dos Trabalhadores do poder em um golpe parlamentar, resultando na ascensão do então vice-presidente Temer (PMDB) articulador de um programa político condizente com os interesses da classe dominante.

³ A PEC 246/2016 previa um congelamento dos gastos públicos em educação e saúde por vinte anos, com a justificativa de equilíbrio das contas públicas.

Pelotas-Rio Grande do Sul, no ano de 2016, foi interferente no processo de consciência dos estudantes secundaristas?

Sendo entendido o Processo de Consciência (IASI, 1999) como processo de formação dos sujeitos, que não é linear nem contínuo, mas movimento que assume diferentes formas ao longo do seu desenvolvimento. E está sujeito a revisitá-las, não superando-as por completo, mas sendo responsáveis pelo processo de formação do sujeito.

Assim, o processo de consciência não é compreendido como pretenso de atingir um fim, mas decorrente na (e da) formação social coletiva. Eclodindo em novas significações no imaginário social, constituído mediante os diferentes processos de confronto, consecutivos da não indiferença ao poder ideológico.

É intencionado neste sentido, resgatar o potencial transformatório resultante dos atos de resistência da juventude, rompendo com a concepção de passividade política e incapacidade social, que é resguardada a este grupo político. Sendo pressuposto desta pesquisa que o jovem não apenas é sujeito com vivência, concepção de mundo e sociedade. Mas é também, parte da ordem social, e como tal, assume condições de enfrentamento e superação dos abismos decorrentes desta ordem.

2. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida, trata-se de uma pesquisa qualitativa de tipo exploratório, que visa um entendimento sobre a denominada Primavera Secundarista. Sendo levantado como essencial para tal processo reflexivo, ressaltar o protagonismo dos sujeitos de pesquisa, na compreensão do momento por eles vivenciado. A partir da necessidade de superação do engessamento sobre quem produz o conhecimento científico, visa-se a construção de um processo de pesquisa coletivo, no qual os estudantes participantes desta pesquisa são também autores de tal escrita.

O Grupo Focal, é instrumento incorporado para a coleta de dados, com a intenção de atentar as diferentes concepções acerca do movimento de ocupação ocorrido no ano de 2016. Este apresenta a possibilidade da pesquisadora perceber as interações entre o grupo, que é construído durante o processo de pesquisa: “Em uma vivência de aproximação, permite que o processo de interação grupal se desenvolva, favorecendo trocas, descobertas e participações comprometidas” (RESSEL *et al.*, 2008, p.780).

Tal instrumento é constituído a partir da técnica de amostragem por *Bola de Neve* (VINUTO, 2014). Adotada diante da dificuldade de encontrar os estudantes que participaram da ocupação no ano de 2016, três anos depois. Por compreender que tais estudantes se encontram, atualmente, em outros espaços de vivência que não o ensino escolar.

A técnica de amostragem de Bola de Neve, parte de sujeitos sementes, que indicam outros sujeitos de pesquisa, a fim de estabelecer uma rede social de participantes da pesquisa. A escolha de estudantes sementes na pesquisa desenvolvida, foi por estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense/ Campus Pelotas, devido ao caráter de tempo formativo no instituto, que abrange estudantes que participaram do movimento de ocupação no ano de 2016 e atualmente permanecem neste, pela sua caracterização de abranger o ensino integral, concertando ensino técnico e ensino médio. Foram desenvolvidos três encontros com estes estudantes, e a partir destes

encontros que é possível estabelecer a construção de uma rede de contatos com sujeitos desta pesquisa.

A análise de dados adotada tem caráter de uma análise de conteúdo, decorrente da transcrição dos encontros desenvolvidos. Atentando, para as seguintes etapas: Pré-análise, exploração do material e categorização para interpretação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho se encontra em fase inicial, no momento de encontro com estudantes sementes, que tem como resultado três encontros em formato de Grupo Focal com estudantes mulheres do Instituto Federal Sul-rio-grandense/ Campus Pelotas. Desses encontros decorreu a escrita de uma narrativa coletiva acerca das memórias da ocupação.

Sendo possível levantar alguns dados que direcionam o olhar sobre o movimento de ocupação, como o protagonismo feminista no movimento, o constante enfrentamento às estruturas opressivas presentes no interior da escola, e os significados e memórias que permanecem da ocupação.

Nem a desocupação foi o fim para o que vivemos. Significou, para nós, poder olhar para o lado e ver quem estava e está com a gente. Foi o anúncio do nosso engajamento em outros movimentos, pois agora sabíamos que resistir era uma forma de construir o que acreditamos. Nunca imaginamos que um dia teríamos coragem de ocupar nossa escola, que nossa organização barraria os ataques e resistiria a brutalidade do Estado. Mas mostramos nossa força através da nossa organização, foram dias de muito aprendizado, nos quais reformulamos o espaço através de oficinas de ensino e divisão de tarefas. Aprendendo a partir da nossa demanda de conhecimento, de forma horizontal e com um olhar atento para o caráter emancipador das nossas ações. Aprendemos e ensinamos, abrimos nossa escola para a comunidade e fomos até outras escolas debater sobre a PEC.⁴

A partir desses encontros, foi possível semear uma aproximação com estudantes que participaram do movimento na cidade Pelotas. E estabelecer uma rede de novos contatos como possibilidade de desenvolvimento da pesquisa proposta. Assim como, um levantamento de conceitualizações decorrentes das vivências das estudantes nos dias da ocupação de sua escola, como aparato para maior formulação dos caminhos investigativos aqui traçados.

4. CONCLUSÕES

A reflexão proposta, de enfoque acerca das memórias, protagonismos e vozes que construíram um momento político do país, parte da concepção epistemológica de uma produção de saberes no sentido de rompimento com a reprodução ideológica dominante. Diante de um cenário de conflitualidade, busca-se resgatar os significados do movimento de resistência da juventude para repensar o curso da história.

Ao ser este, aparato reflexivo para pensar os movimentos sociais na atualidade, as permanências e transformações decorrentes do movimento denominado Primavera Secundarista, ao conjunto social e no processo de consciência e engajamento político dos/as jovens que construíram uma

⁴ Fragmento da narrativa construída a partir dos primeiros encontros desenvolvidos no formato de Grupo Focal com estudantes do Instituto Federal Sul-rio-grandense/Campus Pelotas.

organização com caráter nacional por cerca de dois meses. Ao partir da concepção que este movimento não corresponde a um ato isolado e espontâneo, mas tem correspondência com outros movimentos sociais, assim como incide em transformações no imaginário social.

Esta investigação encontra-se em fase de construção de uma rede de sujeitos de pesquisa, assim como aprofundamento teórico sobre produções correspondentes a este momento político. Entende-se que a reflexão sob a organização secundarista no período recente é ferramenta para pensar os atos de resistência necessários em um cenário de ataques sociais e discursos de *desdemocratização* (BALLESTRIN, 2006). Assim como, é instrumento de reflexão acerca dos caminhos a serem tomados como práticas de enfrentamento e de construção de novas concepções sociais, descoladas de um ideal de imobilismo e pretendido retrocesso conservador.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLESTRIN, Luciana. **Pós-democracias no Sul Global e a Melancólica Desdemocratização no Brasil Contemporâneo**. Portal Justificando, 23 de nov. 2017. Acesso em 29 Ago. 2019. Online. Disponível em: http://www.justificando.com/2017/11/23/pos-democracias-no-sul-global-e-melancolicadesdemocratizacao-no-brasil-contemporaneo/#_ftnref2

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RESSEL, Lúcia Beatriz; BECK, Carmem Lúcia Colomé; GUALDA, Dulce Maria Rosa; et al. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Revista Texto & Contexto Enfermagem**, Santa Catarina, vol. 17, núm. 4, pp. 779-786, 2008. Online. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71411240020>

IASI, Mauro. **Processo de Consciência**. São Paulo: CPV, 1999.

VINUTO, Juliana. A Amostragem Em Bola De Neve Na Pesquisa Qualitativa: Um Debate Em Aberto. **Revista Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, pp. 203-220, 2014.